

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2005 - ANO IX - Nº 104

Foto arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

Já se passaram 100 dias desde o início das denúncias de distribuição de recursos ilícitos a partidos políticos e a parlamentares. A partir desse fato, os meios de comunicação vêm mostrando uma sucessão interminável de escândalos que vão se avolumando, mostrando a amplitude da corrupção nos meios políticos.

Doações irregulares, contratos manipulados, verbas públicas desviadas, operações financeiras fictícias, uma série de práticas fraudulentas que parecem fazer parte do dia-a-dia de nossas instituições.

A população assiste, atônita, a esses escândalos, passando da perplexidade à vontade de mudar definitivamente o quadro. A corrupção é uma praga que atrasa o desenvolvimento do país e concorre para o crescimento das desigualdades sociais. Observam-se em nossos políticos visível descompromisso moral e desprezo pelo espírito público, o que coloca em risco a relação entre a sociedade e seus representantes. A crise que eviscerou nosso parlamento é moral e isso lesa sua credibilidade. A própria instituição política se vê, nesse momento, ameaçada. A descrença em relação aos parlamentares, que já era notável, tende a aumentar. É preciso que se resgate, urgentemente, a imagem do parlamento brasileiro, ou o país mergulhará numa crise ainda muito mais séria.

O momento atual evidencia a necessidade de que haja maior controle público sobre as administrações. Um dos princípios basilares da democracia reza que quase tudo o que diz respeito ao Estado deve ser marcado pela transparência. A falta de acompanhamento dos gastos públicos reproduz-se tanto na esfera federal quanto na estadual e na municipal.

Se os parlamentares, ou ao menos suas lideranças mais lúcidas, pretendem dar uma resposta à altura do que a sociedade brasileira espera, são necessárias uma mudança urgente na legislação eleitoral e maior transparência no trato com as coisas públicas. É preciso resgatar o respeito e a moralização do Legislativo em todos os níveis, de maneira que seja restaurada a credibilidade de seus membros. Que nossos parlamentares não subestimem a inteligência da população, a qual está cada vez mais atenta.



O crescimento desordenado das cidades causa problemas como falta de saneamento apropriado e ocupação urbana irregular, muitas vezes em locais que deveriam ser preservados como encostas, margens de rios e mananciais.

A cidade e o meio ambiente

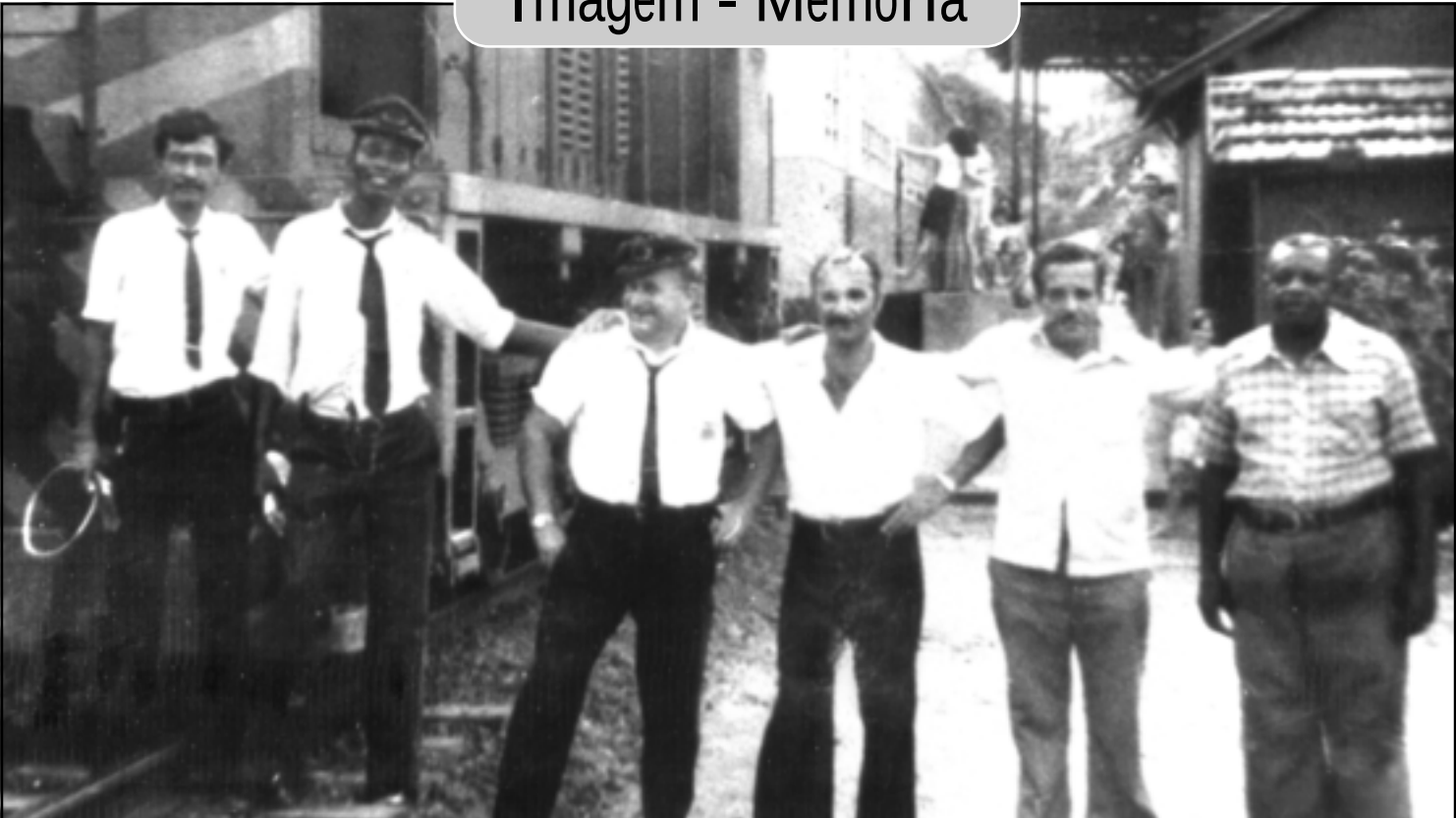
Segundo recentes trabalhos científicos, os furacões que, com certa frequência, se formam em alguns lugares do planeta, estão ficando cada vez mais devastadores. A força com que o “Katrina” varreu a costa leste dos Estados Unidos, no mês de agosto, é atribuída ao aquecimento global. Nas últimas décadas, especialistas constataram que a temperatura média da Terra subiu um grau. Contribuiu para isso a emissão de gases por automóveis, indústrias, decomposição do lixo, desmatamento e queima das florestas tropicais. Como resultado, o gelo ártico vem derretendo aceleradamente ocasionando a elevação do nível dos oceanos. Esse desequilíbrio climático vem provocando não só inundações como seca em várias regiões do mundo.

A interação predatória do homem com a natureza tem sido cada vez mais desastrosa – efeito estufa, diminuição da camada de ozônio, chuvas ácidas, poluição e esgotamento de mananciais são consequências de ações decorrentes da falta de políticas ambientais responsáveis. Entre as intervenções humanas de maior impacto no meio ambiente, muitas estão ligadas à construção e ao desenvolvimento das cidades. Sob o ponto de vista ecológico, uma cidade é um ecossistema imperfeito e incompleto, já que não é auto-suficiente e não exhibe reciclabilidade. Além disso, as cidades concentram, negativamente, calor, ruídos e poluentes de diferentes tipos que afetam o ar, a água e o solo. Dessa maneira,

a agressão de maior ou menor impacto ao meio ambiente dependerá do grau de eficácia de planejamento que direcione as ações de desenvolvimento urbano. O crescimento desordenado da população das pequenas cidades gera grandes desafios à sua sustentabilidade. A rapidez do crescimento causa problemas como falta de saneamento apropriado e ocupação urbana irregular, muitas vezes, em locais que deveriam ser preservados como encostas, margens de rios e mananciais.

É preocupante a fúria com que a natureza tem-se voltado contra os homens em razão do aquecimento global das águas. Somos impotentes frente aos fenômenos climáticos cada vez mais severos, como os que vêm acontecendo. Pesquisas apontam que o Brasil também é vulnerável a esses fenômenos. No ano passado, no sul do país, o “Catarina” causou estragos e mortes. No sudeste, chuvas torrenciais e desmoronamentos causaram grandes prejuízos e enlutaram algumas famílias. É preciso maior atenção e responsabilidade de todos para com o meio ambiente. Devemos buscar informações sobre as condições do ambiente que nos circunda, para exercermos a cidadania de forma mais consciente. Devemos, também, fiscalizar as ações governamentais e pressionar o poder público, a fim de que desenvolva alternativas sustentáveis para seus projetos, levando em conta o equilíbrio ecológico. O futuro de nossas cidades depende das ações presentes.

Imagem - Memória



“No entardecer do dia 31 de dezembro de 1977, a composição da Rede Ferroviária Federal que servia nosso ramal férreo fez sua despedida da cidade.” A imagem registra os funcionários da Rede Ferroviária Federal na última viagem do “piqueteiro”.

Um trenzinho que se fez saudade

Ao som de apitos, bandas, aplausos e estrugir de centenas de foguetes, chegou a Piquete, no início da tarde do dia 15 de setembro de 1906, uma locomotiva puxando seis carros repletos de moradores de Lorena, além do Ministro da Guerra, Marechal Argollo, o Secretário de Justiça do Estado de São Paulo representando o Dr. Jorge Tibiriçá, todos os membros do Estado Maior do Exército, vários oficiais, deputados, jornalistas e outros convidados. Vieram para a inauguração do ramal férreo Lorena-Bemfica e da Estação Ferroviária Rodrigues Alves.

Na estação toda ornamentada, aguardavam o ministro e convidados o coronel Augusto Maria Sisson, chefe da comissão construtora da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça; o chefe político de Piquete, Cel. José Mariano Ribeiro da Silva; o prefeito, Capitão José Inocêncio A. Bittencourt, o coronel Luiz Francisco Relvas, o capitão Antônio Pereira da Rosa, o tenente-coronel João T. Maia, chefe da comissão construtora do sanatório militar, inúmeras famílias e grande massa popular. Foi uma festa memorável.

A inauguração desse ramal férreo criou condições para o desenvolvimento de Piquete. Construído para servir à Fábrica de Pólvoras, acabou beneficiando toda a comunidade piquetense. O trem e a Estação Rodrigues Alves passaram a servir de referência às pessoas. Ao longo de sete décadas, o ramal férreo teve dias de glória e de funcionalidade necessária e útil.

Transportou milhares de operários, obreiros anônimos que vieram, com sua inteligência e força de trabalho, contribuir com a produção de explosivos para o desenvolvimento do país. Pelo ramal chegaram numerosas famílias em busca de trabalho na indústria bélica e aqui se fixaram, fincaram raízes e ajudaram a construir nossa cidade. Com o passar do tempo, devido à melhoria das rodovias e ao aprimoramento automobilístico, o transporte ferroviário foi sendo preterido. O ramal férreo Lorena – Piquete passou a acumular prejuízos. Muitos operários da fábrica passaram a utilizar os ônibus da empresa “Malerba” e, mais tarde, da “Pássaro Marrom”, para se locomover até o trabalho. A composição, que, no período da II Guerra, puxava oito classes de funcionários, foi diminuindo, diminuindo...

No entardecer do dia 31 de dezembro de 1977, a composição da Rede Ferroviária Federal que servia nosso ramal férreo fez sua despedida da cidade. Levava em seus dois vagões cerca de vinte passageiros, sob a vista de alguns curiosos que foram presenciar o histórico acontecimento. Enquanto Francisco Balbino, o chefe do trem, ironicamente lamentava a ausência da banda de música, o agente da Estação, escondendo a emoção, pesarosamente justificava a extinção do ramal. Nos últimos tempos, uma média de oitenta pessoas, entre operários e passageiros comuns, servia-se do trem em cada uma de suas viagens – de manhã e à tardinha. Quanto

ao transporte de cargas, durante o ano de 1977 haviam sido transportados apenas 72 vagões de nitrato, 16 de salitre e 3 de algodão... A edição 110 da “Folha de Piquete” noticiou tudo. Registrou o “Adeus ao Trem”. Foi uma pena que naquela época nossas autoridades não tenham conseguido vislumbrar alternativas para o ramal férreo. O turismo vinha sendo estimulado e crescendo em muitas cidades. Hoje, constatamos que pequenas localidades usam os antigos ramais como atrações turísticas. Nosso trenzinho se fez saudade e, atualmente, é memória em crônicas literárias, em fotos da Fundação Christiano Rosa e na lembrança de muitos piquetenses.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Agenor Lúcio de Souza

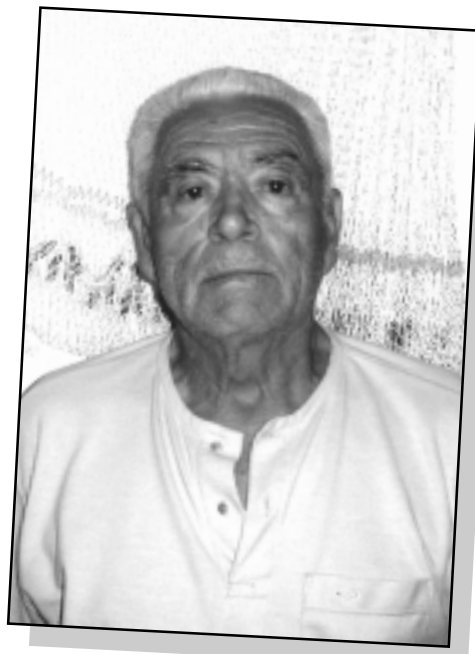
O mundo está comemorando os 60 anos do término da II Guerra Mundial. O Brasil foi o único país da América Latina que participou diretamente desse conflito. A Força Expedicionária Brasileira (FEB) permaneceu na Itália cerca de onze meses, dos quais oito na frente de luta, em contato permanente com o inimigo. Entre os de Piquete que seguiram para o teatro de guerra estava Agenor Lúcio de Souza, o soldado Lúcio.

Nascido em Cruzeiro/SP, no dia 18 de dezembro de 1921, filho de Artur Lúcio de Souza e Augusta Claudina Ribeiro. A família mudou-se para Piquete há 70 anos. Residiram por pouco tempo no bairro do Poço Fundo, mudando-se, mais tarde, para os "Gonçalves", onde frequentou a Escola Rural Mista, tendo sido aluno de dona Isolina Luz. Trabalhou com o pai cortando candeia no Mundo Novo, aos pés dos Marins, período difícil, em que permanecia dias longe de casa, quando, por muitas vezes, alimentou-se com palmitos e macacos. A região era coberta por mata, trilhada, vez ou outra, por tropas de mulas.

Anos mais tarde, seu pai passou a trabalhar na Fábrica de Pólvoras e "seu" Lúcio, então com 18 anos, também trabalhou nessa indústria, como avulso.

Em setembro de 1939 eclodiu a II Guerra Mundial. Aos olhos do jovem Lúcio, o conflito parecia muito distante, do outro lado do mundo. Até que o Brasil entrou na guerra, ao lado dos aliados. Aos 20 anos, ouviu pelo rádio o presidente Getúlio Vargas conchamar jovens para se alistarem na FEB. Espírito aventureiro, Lúcio alistou-se como voluntário no 5º RI de Lorena, sem que seus pais o soubessem. Foi o único da cidade. A mãe tentou removê-lo. Não o conseguiu.

Após instrução e preparo, foi para a inspeção em São Paulo. Foi incorporado à tropa do 6º RI de Caçapava e, então, seguiu para o Rio de Janeiro, onde completou o treinamento. No começo de julho de 1944, embarcou para a Europa, chegando a



Nápoles, na Itália, após 18 dias de viagem. Com um olhar fotográfico, "seu" Lúcio descreve Nápoles, onde as tropas brasileiras ficaram acampadas. Nesse acampamento, fez um curso de mensageiro e aprendeu o Código Morse, de maneira que foi um dos primeiros soldados a seguir para diferentes frentes de combates em Camaiori e Monte Plano, a fim de enviar notícias do "front." Em Montese ocorreu uma das principais batalhas. Atos de heroísmo se sucederam. Os horrores da guerra ficaram gravados na sua memória. Lúcio cita a morte do piquetense Genésio Valentim Corrêa, engajado em outra companhia, e a prisão de uma divisão alemã inteira.

Com o término da guerra na Europa, em maio de 1945, enquanto aguardava o retorno conheceu diversos lugares do velho continente. Em agosto daquele ano chegou ao Rio de Janeiro. Os soldados desfilarão em coluna de oito pela Avenida Rio Branco, saudados apoteoticamente pela população. No retorno a Piquete, o único a esperá-lo na estação da Estrela foi o pai, para quem comprou uma casa com o prêmio recebido. Em novembro, conheceu Gertruds Rich, com quem se casou em 2 de março de 1946. Tiveram dois filhos. Em 1948 passou a trabalhar na FPV, no setor de transportes. Por mais de 30 anos foi caminhoneiro, tendo prestado serviços, por longo tempo, no Armazém Reembolsável Geral da Fábrica, no transporte de café, açúcar, feijão e arroz.

É um prazer ouvir o ex-pracinha da FEB contar sua experiência na II Guerra Mundial. A ida do Brasil para a Europa representou uma grande contribuição de nossos bravos soldados na luta contra o totalitarismo nazifascista. A partir dessa guerra, o mundo nunca mais foi o mesmo.

O soldado mensageiro Lúcio de Souza, da 7ª Cia. São Paulo (ao centro), em Tortona - Alta Itália, em 12 de maio de 1945.



Foto arquivo Pro-Memória

Desarmar

Dom Eduardo Bennes de Sales Rodrigues
Arcebispo de Sorocaba

A consulta popular sobre a proibição de comerciar armas e a campanha de desarmamento em curso estão recebendo da Igreja Católica e de outras Confissões total apoio. Aqui e acolá, entretanto, levanta-se a objeção: "Os bandidos agora vão agir com total liberdade e desembaraço, pois não encontrarão resistência".

Não nos deixemos contaminar por esse tipo de raciocínio. Ter uma arma em casa nunca protegeu ninguém. Os assaltantes temem muito mais um cão vira-lata cujo latido alerta os moradores do que uma possível arma guardada em algum cofre. Está provado que arma em casa provoca, com frequência, acidentes indesejáveis na família, bem como produz reação violenta dos assaltantes que, aliás, são muito mais hábeis em manusear armas.

A CNBB pronunciou-se com muito vigor a favor da proibição. É necessário, entretanto, aperfeiçoar a segurança pública. Mas, acima de tudo, é necessário anunciar o evangelho da paz. Nesse sentido, quero exortar a todos, sacerdotes e leigos, a promoverem uma boa reflexão nas pregações e na catequese sobre a necessidade de se procurar a paz através do desarmamento dos espíritos, lembrados da palavra de Jesus: "Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5,9). Há muita injustiça no mundo, muita opressão de todo o tipo dentro de casa e na rua. Há muito sofrimento nascido do egoísmo e instalado na estrutura da sociedade que pode e deve ser superado pela busca da paz que vem pela conversão aos valores do Reino de Deus. O Papa João Paulo II nos lembrou que a paz é obra da justiça e do perdão. Quem não é capaz de perdoar não tem paz e nem pode oferecê-la ao mundo. A verdadeira luta pela justiça não pode vicejar no ódio, no ressentimento, no desejo de vingança. Coibir o comércio de armas é apenas uma medida – importante e emblemática – que deve ser acompanhada por um intenso esforço de desarmamento dos espíritos e pela busca de formas mais fraternas de convivência. A paz é possível. Comece a trabalhá-la em seu coração.

Plebiscito

23 de outubro 2005

**Cidadão, informe-se
sobre as opções.
Participe conscientemente!**

Crônicas Pitorescas

Cachorro-quente

José Palmyro Masiero

Se ela não tivesse filhos, a gente ainda poderia aceitar seu inusitado amor aos animais, coisa que acontece com muitos solitários que fazem essa transferência. Mas com ela tal não se dava – um punhado de filhos e um punhado de cães e gatos.

Viúva, a única a trabalhar em casa, tinha como consequência a obrigatoriedade de sustentar aquele número assustador de cinco bocas infante-juvenis, três bocarras de cachorros e mais cinco ou seis gatos. Em casa havia a harmonia entre o trio de raças. O contrastante na viúva era sua alegria permanente e seu pavio curto quando perdia a linha.

Pois vai que um dia vinha vindo para casa e avistou a vizinha de rua, que também chegava, chutando um filhote de cachorro de sua propriedade (da vizinha) que se aproximara abanando o rabo em festas. Ah, gente! A viúva sentiu o sangue borbulhar na cabeça e, não agüentando a cena, desabafou:

– Não judia do cachorro que está lhe fazendo festa!

– O cachorro é meu e você não tem nada com isso!

– Se não tem amor e competência, então não pega animal pra criar!

– Olha, vê se se mete com sua vida e deixa que cada um cuide da sua.

– A vizinha deveria estar chegando quente da rua, mas, como dissemos, a viúva tinha pavio curto:

– Olha, dona, por que é que você não bate em alguém do seu tamanho? ‘

– Vê se não amola...

– Nós estamos na rua... Dá mais um chute no cachorro na minha frente pra ver o que acontece!

O cachorrinho nem sabia que a situação ali estava incandescente por sua causa e,

balançando o rabo, mordiscava a perna da dona boa de chute.

– O cachorro é meu e faço o que quero com ele.

– Está muito enganada! Animal sente como nós e eu não admito que o maltrate na minha frente.

Bem que esta viúva poderia se candidatar a presidente da Sociedade Protetora dos Animais!

– Ora, vá pros diabos! secundou a vizinha.

– Se der mais um chute, eu pego o cachorro e levo embora pra casa.

– Pois atreva-se!

– Então chute-o de novo!

Sem atinar com a razão, raciocínio este lá do cachorro, o animal levou uma bicada de sapato pelo traseiro e rolou ganindo uns bons metros. A bomba estourou. A viúva, sem pensar meia vez, lascou uma bolsada na cara da outra, que capengou para trás. O caldo entornou! À outra lançou-se de unhas e urros em cima da defensora de animais e uma verdadeira cena de vale-tudo, com gritos, gemidos e palavras rolou pela rua, atraindo meio mundo.

Foram parar no distrito depois de uma passagem pelo pronto-socorro. O coitado do delegado teve que ter paciência e ouvidos para aturar duas mulheres se atacando num só tempo. Com alguma energia conseguiu colocar ordem na contenda.

Atualmente, as duas não se falam e se evitam. Estão em guerra fria. O cachorrinho nunca mais foi visto pela frente da casa. Assim, não se sabe o que aconteceu com o causador de tanto distúrbio e culpado único de uma inimizade cega e odienta entre dois seres humanos e ditos inteligentes.

Boca de Litro Ressaca Clube

Edival da Silva Castro

Há 30 anos, um grupo de jovens reunia-se no “bar do Brucutu”, a fim de participar de uma partida de futebol. Time catado, improvisado.

A contribuição de cada jogador seria rachar a cerveja e o tira-gosto, após o jogo, na *bebemoração*.

Assim, sem qualquer pretensão de se formar um grande elenco, nascia o Boca de Litro Ressaca Clube. Azul, vermelho e branco para colorir as horas ociosas dos que gostavam de brincar de futebol.

Seu primeiro Presidente, o Zé Rosalvo, foi escolhido entre tantos pelo dinamismo e idealismo.

Sem sede própria, o Boca de Litro resistiu às intempéries.

Com tesoureiro e secretário – porém sem caixa e ata – após as partidas contra adversários diversos, as comemorações jamais deixaram de acontecer. Cabia à Celeste Maria Custódio, a Celestona, preparar as guloseimas. Era o presente tricolor aos antagonistas.

No decorrer desses trinta anos, o Boca teve adversários nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e por esse Vale do Paraíba a fora.

Ganhou, empatou e perdeu. Nesse vaivém, valeu a união dos que colaboraram, jogaram e participaram, fazendo do Boca de Litro Ressaca Clube o time do coração.

O atual Presidente, o jovem Fuminho, tem mantido a tradição do velho Boca: beberomar nem que ganhe por W.O., isto é, quando o time adversário deixa de comparecer.

Quase um século da Rodrigues Alves...



A Estação Ferroviária “Rodrigues Alves” completou, em 15 de setembro, 99 anos. São muitos quilômetros de trilhos percorridos... “Uma senhora quase centenária”, diria alguém que muito a respeitou...

Tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico-Urbanístico e Paisagístico de Piquete (COMDEPHAAPPI), em 2002, “a Estação” vem sendo motivo de discussões há anos, desde que foi vendida. Enquanto aguardamos o desfecho de um moroso processo da qual é objeto, encontra-se abandonada e depredada. É uma referência de nossa história que agoniza.

Os 99 anos da Estação Rodrigues Alves fazem-nos evocar a força e a imponência da locomotiva, o luxo do dia de sua inauguração, a beleza e simplicidade de seus traços, o embarque e desembarque dos passageiros e

das cargas, o paralelismo dos trilhos... Tudo isso só nos é possível resgatar nas fotografias antigas, na memória dos mais velhos, em textos de piquetenses como Chico Máximo, Carlos Vieira Soares, Antônio Carlos Chaves, Dóli de Castro Ferreira, Yeyé Masiero, Eunice Ferreira... Em cada um deles, uma visão diferente, mas o mesmo sentimento...

Imagens valem por milhares de palavras... Busquemos, então, nos lembrar da “Estação” movimentada pelos funcionários da Fábrica, decorada quando da chegada de visitantes ilustres, portadora do correio; afinal, relembrar também é preciso... Mas, não deixemos de cobrar que ela seja recuperada e devolvida à comunidade piquetense... A Lei assim exige, pois um prédio tombado deve ter suas características preservadas. Quem sabe poderemos comemorar o centenário dessa senhora com uma festa de renascimento...

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

O Morro do Santo Cruzeiro

No morro em frente à velha matriz de São Miguel uma cruz de concreto brilha nas noites piquetenses. Ela substitui outra, de madeira, fincada lá no alto em 1900 e benta por Frei Silvério, frade franciscano que aqui estava em missão apostólica, conforme o livro “Rememorando...”, de autoria de Carlos Vieira Soares.

Afirma ainda o nosso cronista e historiador que “o lenho desse cruzeiro era o de uma caviúna derrubada e lavrada no próprio morro pelo famoso madeireiro José Serrador.”

Uma tosca e humilde capelinha de tijolos lá foi erguida em 1930. O transporte de tijolos, pedras e latas de areia e água nos ombros de dedicados trabalhadores. Sua inauguração em 3 de maio, festa de Santa Cruz – arcos de bambu, bandeirinhas, foguetes de vara, cantos e preces. Ela brotou do chão graças ao trabalho de uma comissão composta por Auzelino de Castro, Odilon Soares da Costa, Benedito Pereira, Nourival Crispim de Castro e Benedito José de Oliveira. O terreno, doado por Dona Domiciana Relvas, esposa do Coronel Luiz Relvas, mulher de destaque na sociedade da época.

O tempo carcomeu a cruz, carcomeu os instrumentos da Paixão, todos de madeira – os cravos, a coroa-de-espinhos, a lança, o martelo. E um galo – dolorosa lembrança da traição de Simão Pedro.

A igreja também desapareceu. Ela faz parte da minha infância. De uma das janelas do casarão de meu avô Chiquinho Máximo eu a contemplava desafiando as chuvas, os sóis e os ventos.

Eu e meus amigos subíamos a encosta à cata de passarinhos ou por espírito de andança. Éramos inseparáveis, colegas de escola, de catecismo e de acolitamento. Caminhávamos descalços, sem pressa de chegar. Dava gosto ver borboletas dançarinas, gafanhotos saltitantes – tão verdes que pareciam folhas, dormideiras sempre melindrosas aos nossos toques, juazeiros carregados de florinhas e frutinhos coloridos – poesia viva na aspereza do caminho pedregoso e esburacado. Além das cercas de arame farpado vacas nos observavam espantadas, orelhas em pé, caudas pendulares.

À medida que subíamos contemplávamos a cidadezinha. Piquete parecia um presépio. Bois na fatura do capim. Pessoas que nem formigas. Apito do trem-dos-operários. Cantiga de carros-de-boi. Gritos e vozes. O azul da Mantiqueira. A imponência do Pico dos Marins. A solenidade da vetusta Matriz de S. Miguel.

Sentávamo-nos junto à cruz. Lá respirávamos a paz e o frescor da paisagem. Aos seus pés, pedras levadas pela fé: pagamento de promessas ou espírito de penitência. Imagens quebradas, às quais a devoção exigia muito respeito. Bilhetes com pedidos de benesses do céu.

Na festa de Santa Cruz ou na Sexta-feira maior abria-se a pesada porta da capela. Cheiro de coisa velha. Um altar de madeira, santos de gesso, flores de papel crepom. Mulheres rezadeiras. Crianças barulhentas. Namorados de mãos dadas.

Certa vez, o morro foi palco de uma tragédia: o suicídio de dois jovens enamorados com formicida. Ele de farda – soldado do Contingente da Fábrica Presidente Vargas. Ela – apenas quinze anos, linda no rosado do rosto moreno. Morreram abraçadinhos. Ungidos de amor. Banhados

de luar. Orvalhados da madrugada. Iluminados da manhã.

Muita conversa rolou em torno dos amantes. Voz corrente que as famílias reprovavam o namoro. Até de gravidez falaram. Disse-me, porém, uma senhora que fora colega e amiga da desventurada adolescente que ela morreu virgem, “moça donzela”, como se falava na época.

Eu menino, marcou-me outro acontecimento funesto – a morte de Tarcísio, seis anos de idade, os pais “seu” Aníbal Roque e dona Maria da Palma, antigos moradores do pé do morro. Foi triste vê-lo eletrocutado, a mãozinha esquerda colada a um poste de ferro da rede pública de iluminação. Era o entardecer de um sábado chuvoso. No domingo, o enterro – o caixãozinho branco, muitas crianças, flores dos quintais. O morro de luto. Parecia que o garoto era filho de todas as famílias que lá moravam, gente amiga e solidária: “seu” Leopoldino Gabriel, prole numerosa; “seu” Olegário de Almeida, raizeiro, com suas “garrafadas” para curar doenças e picadas de bichos peçonhentos; dona Laurinda de Almeida, lavadeira; Dona Edwírges Tereza Ramos, ajudante de parteira, e tia Venância, cozinheira pra ninguém botar defeito.

Quando contemplo o Cruzeiro, em meio às lembranças avulta o rosto de Nhá Dita, preta velha da antiga estrada do Itabaquara, que fizera a promessa de iluminar com velas a íngreme colina. Seria comovente o espetáculo das luzes tremulantes!

Boas novas durante o temporal

Em meio ao lamaçal (para fazer uso da expressão tornada comum no meio político) que assola nosso Brasil, surgem notícias que nos encorajam a acreditar em melhorias futuras: dia 30 de agosto, o bibliófilo José Mindlin, de 90 anos, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de São Paulo (USP) e as páginas amarelas da revista VEJA, de 07 de setembro, trazem uma entrevista com Daniel Barenboim, maestro e intelectual judeu.

Aparentemente desconexas, as notícias têm muita afinidade: a primeira versa sobre um filho de imigrantes russos, advogado e empresário de sucesso que, aos treze anos, iniciou uma coleção de livros atualmente composta por aproximadamente 30 mil volumes. Durante a entrevista, Mindlin declara sua paixão pelos livros, “que não traem, não invejam, não discriminam e ainda nos permitem viajar, amar...”. Mindlin sugere, ainda, que o futuro de nosso país está no respeito aos livros, na educação, no incentivo à leitura, o que possibilita o aumento do senso crítico.

Na segunda reportagem, lemos sobre o maestro judeu Daniel Barenboim, atualmente à frente de uma orquestra – *West-Eastern Divan Orchestra* – que reúne jovens universitários judeus e árabes. Barenboim deixa-nos mensagens simples como: “Na Europa e nos EUA, uma hora de violino é uma hora de estudo. Na Palestina, significa uma hora longe da violência e do fundamentalismo.”

Analisando superficialmente a filosofia de Mindlin e Barenboim, podemos concluir que para conseguirmos um mundo mais justo podemos iniciar com a educação e a difusão da tolerância entre os povos, das quais ambos são frutos e as quais apregoam em seus campos de atuação.

É reconfortante tomar conhecimento do trabalho desses dois cidadãos do mundo. Estarrecidos e decepcionados com a situação em que se encontra o Brasil, encontramos um fio de esperança – o de que os jovens de hoje se tornem multiplicadores dessas idéias. Com isso, chegaríamos a uma sociedade mais educada, capaz de respeitar diferenças e escolher criticamente seus representantes.

Piquete é um excelente palco para as idéias propostas pelo bibliófilo e pelo maestro. Já contamos com o projeto Guri. É um início. Unindo-se a cultura à educação, obteremos ótimos resultados. Parafraseando Barenboim, uma hora de música significaria uma hora longe das drogas para muitos jovens de nossa cidade... Há projetos dos governos federal e municipal que possibilitariam o acesso à leitura e, conseqüentemente, ao conhecimento. Basta boa vontade e força política para implantá-los em nossa cidade.

Não podemos deixar de pensar que Piquete e o Brasil ainda merecem nossos esforços e luta diária por melhores condições de vida. Questionar, pensar e agir corretamente, tolerância e difusão de conhecimentos são exemplos que podemos inferir de personalidades como Mindlin e Barenboim. É fácil aplicá-los em nossas vidas e em nossa cidade. Tentemos. Os bons resultados certamente virão.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Mensagens de amor em três tempos

Dóli de Castro Ferreira

Era o segundo ano de circulação da primeira das duas mais extensas linhas do metrô: a norte-sul. Dia dos namorados. A Companhia do Metropolitano resolvera patrocinar um concurso de Cartas de Amor e convocava os enamorados de todas as idades e preferências a se manifestar. O mote poderia ser o eixo conectivo das mensagens a promover os encontros.

Classificadas, as cartas foram expostas em vitrines especialmente confeccionadas e decoradas, plenas de palavras e emoções.

Havia-as manuscritas, editadas por digitação, impressas; e uma delas, como fazia constar da abertura do concurso, fora encontrada, por acaso, entre os achados e perdidos, que não são poucos. Aliás, essa descoberta fora a causa desencadeadora do processo epistolar em competição. A experiência foi única.

Na exposição, lá estavam, lado a lado, a deflagradora do movimento sentimental, a que fora premiada; e as outras todas, para comparações.

Na primeira, ela para ele: “Meu amor”. “Vi-te ontem passando sob minha janela, e não pude falar-te”. “Vigiavam-me”. “Como sabes, as moças de família precisam ser recatadas”. “É o que me repetem pai, mãe, tias, amigas das tias, catequistas da igreja, todo mundo”. “Querem na família moças sérias”. “Recebi a flor que mandaste”.

“Guardei-a nas páginas do meu livro de orações, para que o Anjo da Guarda te proteja”. “O perfume da rosa ficou contido na pétala aveludada e, embora seca, recenderá para sempre”. “É como um tesouro”. “Escondido e bem guardado”. “Perfeita prova de nosso amor, que, espero, duradouro”. “Para além das rosas”.

“Falaram-me de ti outro dia, não te preocupes, foram referências elogiosas”. “Nada do que te diz respeito me parece estranho”. “Quando partes? A que horas sai teu trem?”

“Da rosa que me mandaste caiu uma gota de orvalho”. “Molhou-me o coração”. “Transformou-se em uma lágrima cristalina”.

“Quero ver-te no domingo, após a missa”. “Despedir-me”. “Acompanhada de minha tia, poderemos conversar até que noivemos e puderes vir à minha casa”.

“Despeço-me de ti tendo-te na alma”.

“Se passares por aqui, no fim da tarde, estarei à janela e poderei acenar-te. Amo-te de coração...”

Outro tempo

Muitos anos decorridos, outra carta. Ele para ela. Outros protagonistas.

“Senhorita do metrô, estou fascinado.”

“Vejo-te, bela aparição, todas as manhãs, e faço por coincidir meu horário com o teu”.

“Embarcas na Vila Mariana”. “Venho do Jabaquara”. “Vamos para a Consolação”.

“Trabalhas na Paulista”. “Suponho”. “Como eu”. “Gosto de tuas roupas”. “São clássicas”.

“Talvez trabalhes em cargo executivo”. “Gostaria de pedir teu telefone”.

“Ainda não o fiz por sentir receio de ser rejeitado”. “Não me reconheces na multidão”.

“Procuro sentar-me ou ficar em pé à tua frente”. “Olho-te discretamente”.

“Na Paraíso, tomas o ônibus para a Paulista”.

“Eu também”. “Aprendi que não é de bom-tom encarar as pessoas”.

“Acompanho-te de longe”. “Aprecio-te o andar”. “Por que escrevo na segunda pessoa?”

“Porque é mais romântico”. “Romântico, nos dias atuais?”

“Soa estranho, parece, não?” “E se eu mudar o estilo? Assim como: Mina, menina, como você é linda!”

“Cada dia, tudo em cima, chique e charmosa”. “Olho sua roupa alinhada, seja de terninho ou vestido ajustado no corpo, as curvas perfeitas”.

“Sensual”. “Observo o horário de sua viagem no metrô”. “Faço combinar a minha”.

“Um dia, vou criar coragem”. “Chegar e me apresentar”. “Convidá-la para um sorvete ou um cineminha.”

“E daí, organizaremos a sequência”

“Sento-me à sua frente todos os dias”

“Ou fico em pé.”

Somente não gosto das sextas-feiras, porque antecipam dois dias sem vê-la.”

“Senhorita do metrô. Estará comprometida? Diga que não!”

“Ah! Quem sabe um dia você me vê olhando-a, sem me aproximar”.

“O amor é tão óbvio...”

“Acho que já fui percebido”. “Senti algo de novo em seu olhar, ontem”.

“Começo já a imaginar o encontro”. “Seu maior admirador”.

Um tempo mais recente

Já se passaram muitos anos. Mais de vinte, ou mais?

E em tempos de Big Brother Brasil? Qual seria a mensagem? E o tratamento? Deles para qualquer uma delas. A que facilitar. Tudo direto e prático. Poucas palavras. Muitos atos. Palavras interrompidas por sinais eletrônicos. Censura? Licenciosas? Ah! Ninguém repara mais nisso. Hoje o amor é mais versátil, no tempo das velocidades. Já nem se fazem mais concursos de cartas de amor. Tudo explicitado.

ANOTANDO

Sobre o jongo

Informação veiculada pelo jornal “O Estado de São Paulo” (27-08-05) dá conta de que o jongo agora é protegido pelo patrimônio histórico. Com esse título, Jotabê Medeiros introduz um comentário sobre as manifestações culturais que estão sendo registradas como referências do patrimônio imaterial no Brasil. Diz ele que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional vai anunciar em outubro a inclusão do jongo (forma antiga do samba) do sudeste do país (Rio, São Paulo, Minas e Espírito Santo) como legado patrimonial cultural.

De acordo com o comentarista, o jongo será a sétima manifestação a ser inscrita no registro, ao lado do ofício das paneleiras de Goiabeiras (ES), da procissão do Círio de Nazaré (PA), da arte dos índios wajapi (AP), do samba de roda do Recôncavo Baiano e do ofício das Baianas do Acarajé de Salvador (BA) e do modo de fazer viola-de-cocho (MT).

Tal registro visa a garantir a preservação de um fazer e saber artístico e cultural em perigo de desaparecimento na metade deste novo século.

Sobre o jongo é sempre bom lembrar que se trata de uma dança rural de origem africana, “vinda de Angola, e um ancestral do samba”. Além desses elementos culturais em ação preservativa, outros se anunciam, tais como o samba rural paulista, o tambor-de-crioula e o coco.

Sendo o jongo mais uma dança do que um estilo musical, é dotado “de versos curtos e fáceis de serem cantados” por duas ou três vozes, constituindo o chamado “ponto”, e que, estudado por Câmara Cascudo, foi dado como um ritmo encontrado nas manifestações de escravos que trabalhavam nas lavouras de café.

Segundo o citado comentário, existem 25 inventários em andamento. A Fundação Christiano Rosa enviou, no início deste ano, um projeto acompanhado de texto histórico e documental fotográfico sobre os esforços que estão sendo realizados pela comunidade afro-descendente de Piquete. Aguardamos, portanto, a inclusão de nosso inventário entre os registros do IPHAN, e, desse modo, estaremos contribuindo para a inserção de conhecimento cultural em nossa História local, regional e nacional.

A prática do jongo, transmitida como legado da comunidade, poderá permitir, segundo a convenção da UNESCO, que a população o reconheça como parte integrante de seu patrimônio cultural.

**A Fundação Christiano Rosa
saúda a comunidade católica
piquetense, na data de seu
padroeiro, São Miguel Arcanjo.**



“Revegetação das Áreas Ribeirinhas das MBH’s do Tabuleta e Bemfica”



Participantes do Curso de Viveiristas no IBAM-Flona Lorena

Fotos arquivo Pro-Memória

O projeto “Revegetação das Áreas Ribeirinhas das Microbacias Hidrográficas do Tabuleta e Bemfica” encontra-se em pleno desenvolvimento pela Fundação Christiano Rosa. Os participantes do curso de viveirista fizeram duas visitas técnicas: aos viveiros do IBAMA - Flona Lorena e da Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP), no município de Paraibuna. No IBAMA, dia 25 de agosto, puderam, acompanhados por um técnico designado pela direção do órgão, apreciar as atividades ali desenvolvidas, bem como os produtos, insumos e técnicas utilizadas na produção de mudas. Após a visita ao viveiro, foram para o auditório, no centro de Educação Ambiental, onde assistiram, com muito interesse, a uma palestra sobre as atividades desenvolvidas na Floresta Nacional de Lorena.

No dia 16 de setembro, os participantes do curso foram até a cidade de Paraibuna



Acima, os participantes do curso de viveiristas em visita ao viveiro da CESP, em Paraibuna. Abaixo, o grupo durante visita ao IBAMA-Flona de Lorena.



para visitar o viveiro da CESP. Além de acompanhar as atividades desenvolvidas no viveiro de mudas, objeto da viagem, tiveram oportunidade de conhecer atividades voltadas à psicultura desenvolvida naquela unidade.

Neste mês de setembro também aconteceram duas palestras no Espaço Cultural “Célia Ap. da Rosa”, que, embora direcionadas aos participantes do curso de viveirista, foram abertas ao público em geral e contou com a presença de 110 pessoas. As palestras foram proferidas pelo Gerente do IBAMA, Eng. Evandro Gonçalves, cujo tema foram as atribuições do IBAMA nos municípios, e pelo Dr. Gilberto Cabett Junior, Promotor de Justiça de Piquete, que falou sobre o papel da Promotoria Pública no Município. Várias perguntas foram feitas aos palestrantes. Ao Dr. Cabett as questões foram basicamente sobre a ação do Ministério Público em Piquete, com referência às questões afetas à proteção do meio ambiente. Vale a pena destacar o pronunciamento do Promotor, que disse estar feliz em poder constatar o número de pessoas presentes às palestras, pelo avanço da hora (sua palestra iniciou-se mais de 21h30min) e num dia de semana. Parabenizou a Fundação Christiano Rosa pelo evento e agradeceu a oportunidade de



Acima, Dr. Gilberto Cabett, promotor, Teca Gouvêa, da FCR, e Evandro Gonçalves, do IBAMA. Abaixo, instantâneo da palestra do gerente do IBAMA



poder divulgar o trabalho da Promotoria na promoção da cidadania.

Ainda no mês de setembro será inaugurado o viveiro montado nas dependências da Fundação Christiano Rosa. As demais atividades do projeto seguem dentro do cronograma estabelecido.

É necessário que se divulgue que 80% do custo do projeto estão sendo financiados pelo Fundo Estadual de Recursos Hídricos, através do **COFEHIDRO**, Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (**CBH-PS**), **Secretaria de Recursos Hídricos e Saneamento do Estado de São Paulo**, e 20%, como contrapartida, da Fundação Christiano Rosa.

Nossos parceiros no projeto são: **EDR-CATI**, **INPE**, **IBAMA-Flona Lorena**. A Prefeitura Municipal de Piquete apóia o projeto.



O promotor, Dr. Gilberto Cabett, em palestra na Fundação Christiano Rosa

Foto JAF



Turismo sustentável pelos caminhos da Serra da Mantiqueira

É inquestionável o potencial turístico de Piquete. O município, que se localiza numa das regiões de ocupação humana mais antiga do país, teve seu território devassado no século 18, após a abertura de um caminho para a região das minas gerais, cruzando a Mantiqueira.

A partir de então, aqui se fixaram seus primeiros moradores. Ao longo de mais de três séculos acumulou um potencial histórico que nos remete aos ciclos econômicos do ouro, do tropeirismo, da cana-de-açúcar, do café e da industrialização no Vale do Paraíba. Famílias de diferentes regiões do país, ao longo desses ciclos, para cá se dirigiram, contribuindo para o enriquecimento de nossa cultura.

A diversidade cultural e de paisagens torna Piquete atraente para o turismo, atividade que vem crescendo por todo o mundo, nos últimos anos. Essa atividade, porém, tem deixado rastros de degradação sócio-ambiental – muitas vezes os benefícios econômicos não chegam às populações locais e o equilíbrio de muitas áreas naturais fica comprometido.

A riqueza do patrimônio ambiental do Brasil faz crescer um ramo do turismo chamado de ecoturismo, associado às atividades em ambientes naturais, nos quais o visitante integra-se, harmoniosamente, numa relação sustentável. É uma atividade promissora para os países ricos em

biodiversidade, pois, além de ser alternativa de geração de renda, empregos e serviços, pode promover a conservação e a formação de uma consciência socioambiental. A comunidade piquetense precisa se organizar e traçar uma política voltada para o turismo, de maneira racional, para que o meio ambiente permaneça preservado.

As tendências de mercado sinalizam que as pessoas se sentem atraídas por lugares onde o turismo não destrói a natureza. As exigências por qualidade são cada vez

maiores e, em geral, o visitante busca a autenticidade como elemento diferenciador, em virtude da “estandarização” da qualidade.

Ambientes naturais protegidos, entornos e adjacências limpas e traços culturais diferenciados são atrativos associados à qualidade e competitividade dos destinos turísticos.

A qualidade na prestação dos serviços turísticos depende de um conjunto de elementos: o

ambiente, os atrativos, a comunidade receptora e o turista.

Antes que o turista venha para Piquete, é preciso que o município faça a lição de casa – educação ambiental em todos os níveis e melhoria da infra-estrutura básica municipal. Potencial turístico Piquete tem. É de fazer inveja. Só nos resta organização e trabalho.

Ética se aprende na prática

Laura Cristina Chaves

Não sabemos ao certo como vai terminar a atual crise em que vive o país. Quando imaginamos que tudo já foi dito, novas revelações são feitas. É uma novela contada em capítulos de muito suspense e ação.

Frente à crise, temos uma única certeza: a crise do país não é econômica, financeira ou política – trata-se de uma crise ÉTICA.

É óbvio que todos os nobres personagens envolvidos e causadores da crise não têm problemas de ordem econômica, ao contrário. A situação sócio-econômica desses ilustres senhores, se comparada com a da maioria da população brasileira, é de uma diferença gritante.

Pensamos então: o que leva uma pessoa que tem ótimo salário, boa e confortável casa (quem sabe, casas) para morar, mordomias, status social, entre outros mimos, a participar de manobras ilícitas e de todo tipo de ação em que possa levar vantagens pessoais e indevidas?

A resposta é uma só: seus princípios éticos.

É hora então de acordarmos. Cada um desses indivíduos foi criado no seio de uma família. Todos passaram pelos bancos escolares. Não foi o bastante para fazê-los cidadãos éticos.

Se tudo vai acabar em “pizza, não sabemos, mas sabemos que a família e a escola podem agir preventivamente. É bom lembrar que ensinar um cidadão a se tornar ético não é tarefa fácil, pois a ética não é teórica, é prática, exige ação. Essa ação deve ser vivenciada diariamente, rotineiramente.

A questão deve ganhar espaço na rotina dos lares e da escola. Algumas experiências positivas vivenciadas em escolas preocupadas com essa questão parecem ser um bom modelo a ser seguido. Por exemplo, criar situações hipotéticas – uma história em que as situações vividas pelos personagens exijam tomada de decisões que envolvam os seus princípios éticos. Provocar o debate entre os alunos e explorar ao máximo a reflexão sobre que princípios estão em jogo naquela questão. Quem experimentar vai se surpreender com os resultados. Além disso, uma escola ética não pode admitir a cola, passar aluno sem saber, professor que não ensina, mentiras... Mas como banir isso? Com ação refletida, planejada e constantemente avaliada. A ética é para ser vivida, não para ser contada.

“O desenvolvimento predatório e socialmente excludente dilapida o patrimônio, corrói a identidade e agrava a crise brasileira.”